

Quem eram e quem são hoje as bruxas

Há uns séculos, acreditava-se que havia mulheres que tinham um pacto com o diabo, o que servia de justificação para as torturarem e matarem. Serem uma “ameaça à dominação masculina” era o real motivo

Sara Lima Sousa

Aquela ideia de que as bruxas usam chapéus pontiagudos, preparam poções mágicas em caldeirões e têm gatos pretos não passa de uma fantasia que se afasta da verdade e da história. As bruxas eram mulheres que eram queimadas por serem diferentes. Hoje assinala-se o Dia das Bruxas (ou Halloween, de acordo com os estrangeirismos) e, por estes dias, ainda se tenta policiar as mulheres que fogem às expectativas e padrões da sociedade. Quem são as bruxas dos nossos tempos?

Para João Manuel de Oliveira, professor no Instituto Universitário de Lisboa (Iscte) e investigador no campo dos Estudos de Género, Estudos Críticos da Sexualidade e Teoria Feminista, “é muito relevante, quando se fala das bruxas, sair da dimensão folclórica e perceber que houve uma matança de mulheres, de criação de pedagogias da crueldade, para elas terem de funcionar de acordo com o que a sociedade espera delas”.

Estas bruxas eram mulheres “parteras, curandeiras, que utilizavam o conhecimento em prol da comunidade e que desafiavam as normas sociais da época”, a partir do século XV, conta Mariana Marques, socióloga e investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte ao PÚBLICO. “Estamos a falar de um período em que houve uma enorme perseguição às mulheres, sobretudo aquelas que não se enquadravam no papel estereotipado feminino que estava a começar nesta época”, acrescenta João Manuel de Oliveira.

Muitas vezes, terão sido mulheres que “não tinham ideia nenhuma de bruxaria”, destaca o investigador ao PÚBLICO, acrescentando que o termo “bruxa” é uma designação externa, não atribuída pelas próprias, e quem a criou foram os seus perseguidores, o que por si só “já nos coloca problemas com a sua definição”, reflecte.

Essa perseguição acontecia pela crença de que as “bruxas” teriam feito um pacto com o diabo – o que era considerado justificação para as humilharem, torturarem e matarem –, quando, na verdade, a sociedade as via como uma “ameaça à dominação masculina”, explica Mariana



Marques. No fundo, a “caça às bruxas” foi um “meio de controlar socialmente as mulheres em sociedades patriarcais” e de suprimir os seus direitos, diz ainda.

O que se sabe é que as curandeiras faziam aquilo a que chamaríamos nos dias de hoje “medicinas tradicionais”, com ervas elaboravam “poções” e observavam o ciclo da natureza, com finalidades terapêuticas, contextualiza João Manuel de Oliveira. O que confirma que estas mulheres tinham conhecimentos importantes para a época.

Através da literatura e da narrativa utilizada naquele tempo, conforme dito pela investigadora, existia uma ideia de negociação de poder com o diabo, uma figura muitas vezes materializada no masculino, que significa uma “perpetuação da subjugação das mulheres face a um ser mais poderoso que ela, sobrenatural, e que por sua vez é representado no masculino”.

As “bruxas” são as mulheres que fogem aos padrões da sociedade

“

É muito relevante, quando se fala de bruxas, sair da dimensão folclórica e perceber que houve uma matança de mulheres

João Manuel Oliveira
Investigador

Nesse sentido, no ponto de vista de João Manuel de Oliveira, surge também o “fundamentalismo cristão”. Os crentes persistem “nesta ideia de que há mulheres bruxas, de que há um diabo e de que elas são servas do diabo. Hoje, ainda temos vários casos de mulheres que são mortas” sob acusação de bruxaria, afirma.

Caça às bruxas

Actualmente, nas sociedades ocidentais, “já não faz sentido acusarem as mulheres de compactuar com o diabo e não nos queimam em praça pública, mas a sociedade mantém-se patriarcal”, considera Mariana Marques. Enquanto assim for, continuarão a ser alvo de perseguições. “As mulheres vivem sob uma vigilância patriarcal condenatória que ainda teima em ajuizar as suas decisões, as suas acções e os seus corpos”, diz.

João Manuel de Oliveira concorda que a sociedade continua a tentar

policiar as mulheres que são diferentes. “Basta ver que ainda se está a discutir em Portugal a questão do aborto. A partir do momento em que uma mulher não tem controlo sobre a sua vontade e sobre o seu corpo, ela está a ser perseguida porque não está a ser tratada como um ser humano total”, reitera.

A caça às bruxas tem agora um *modus operandi* diferente, mas “ainda há dedos a apontar, acusações, descrédibilização, julgamentos e uma necessidade de as mulheres lutarem, diariamente, pelos seus direitos e pela conquista do espaço público”, sublinha a socióloga.

Mas se antes tinham poderes ligados à cura, hoje que poderes têm? Com o surgimento de movimentos feministas, foi “renovado o conceito de bruxa, conferindo-lhe um carácter revolucionário, como símbolo das mulheres que resistem e que lutam contra o patriarcado”, conclui. **Texto editado por Bárbara Wong**